



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
Campus Riacho Fundo I
Licenciatura em Geografia

SÁTILA MORAIS PEREIRA

**VIOLÊNCIA URBANA NA PERIFERIA DO DISTRITO FEDERAL: UMA
ANÁLISE SOB O VIÉS DA NECROPOLÍTICA**

Brasília
2025

Sátilla Moraes Pereira

**VIOLÊNCIA URBANA NA PERIFERIA DO DISTRITO FEDERAL: UMA
ANÁLISE SOB O VIÉS DA NECROPOLÍTICA**

Projeto de pesquisa para TCC, apresentado para a disciplina de Projeto de TCC, do Curso de licenciatura em Geografia do Campus Riacho Fundo I do Instituto Federal de Brasília.

Prof. Orientador: Marcel Emeric B. de Araujo

Brasília
2025

Pereira, Sátilla Moraes.

Violência urbana na periferia do Distrito Federal: uma análise sob o viés da necropolítica / Sátilla Moraes Pereira ; orientação Marcel Emeric B. de Araujo. — Riacho Fundo, DF: 2025.

21 f. ; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) — Instituto Federal de Brasília, Campus Riacho Fundo, Riacho Fundo, DF, 2025.

Orientador(a): Marcel Emeric B. de Araujo.

1. violência urbana. 2. necropolítica. 3. desigualdade socioespacial . 4. Distrito Federal. 5. periferia. I. de Araujo, Marcel Emeric B. , orient. II. Instituto Federal de Brasília. III. Título.

Agradecimentos

Dedico este trabalho, antes de tudo, à minha mãe que abriu mão dos próprios sonhos para que eu e meus irmãos pudéssemos sonhar. Sua luta silenciosa, seus sacrifícios diários e seu amor incondicional são a base firme sobre a qual construo minha vida. Mãe, tudo em mim carrega um pedaço seu.

Aos meus irmãos, Natália e Lucas, que caminham comigo desde sempre, dividindo dores, alegrias e silêncios. Somos feitos da mesma raiz, e o amor que nos une é meu porto seguro. A cada conquista, penso em vocês.

Ao meu afilhado João, estrelinha que ilumina meus dias mesmo nos momentos mais escuros. Seu sorriso é farol, sua existência é poesia. É por você que acredito num mundo mais doce, mais justo, mais cheio de sentido.

Às minhas tias Neuza e Nívea, que, com gestos de cuidado, palavras de fé e abraços sinceros, aqueceram meu coração tantas vezes. Obrigada por serem abrigo quando o mundo parecia demais.

À minha amiga Giovanna, irmã que a vida me deu. Em você encontrei acolhimento, verdade e amor gratuito. Sua amizade me salva em silêncio, me embala nas quedas e me impulsiona nos voos. Sua existência é bênção na minha vida.

Dedico também este trabalho a todos aqueles que, mesmo longe dos holofotes, fazem do afeto uma prática e da coragem um caminho. Como cantam os Racionais: “os guerreiros de fé não saem no jornal”, mas permanecem eternos na memória de quem foi tocado por sua luz.

Cada página escrita aqui é tecida com lágrimas, esperança e gratidão. E se por vezes me perdi, aprendi que “tropeço também é passo” (Zack Magiezi). Porque persistir é a maneira mais bonita de honrar o que nos move.

Resumo

O presente artigo busca investigar a violência urbana nas periferias do Distrito Federal, com foco nas cidades de Ceilândia e Samambaia, a partir do conceito de necropolítica, desenvolvido por Achille Mbembe. Partindo das obras “Necropolítica” e “A Crítica da Razão Negra”, bem como das teorias de Michel Foucault sobre biopoder, analisam-se as dinâmicas de poder que determinam quem vive e quem morre nesses territórios marcados pela desigualdade social e pela exclusão racial. O conceito de território, entendido como um espaço produzido e controlado por relações de poder, também é abordado para compreender como essas regiões periféricas são configuradas. O artigo dialoga ainda com as perspectivas de Marcelo Lopes de Souza sobre desafios metropolitanos e de Nildo Viana acerca da violência urbana, além de explorar a narrativa crítica presente nas músicas do grupo de rap Racionais MC's. Dados de criminalidade, condições socioeconômicas e dinâmicas raciais são examinados para evidenciar como essas regiões são atravessadas por práticas necropolíticas. Este estudo propõe uma reflexão interdisciplinar sobre a relação entre violência, exclusão e resistência nas periferias urbanas do Brasil.

Palavras-chave: Violência urbana, Necropolítica, Periferias, Exclusão social, Racionais MC's.

Abstract

This article aims to investigate urban violence in the outskirts of the Federal District, focusing on the cities of Ceilândia and Samambaia, through the lens of the concept of necropolitics developed by Achille Mbembe. Drawing from the works *Necropolitics* and *Critique of Black Reason*, as well as Michel Foucault's theories on biopower, the study analyzes the power dynamics that determine who lives and who dies in these territories marked by social inequality and racial exclusion. The concept of territory, understood as a space produced and controlled by power relations, is also addressed to comprehend how these peripheral regions are configured. The article further engages with the perspectives of Marcelo Lopes de Souza on metropolitan challenges and Nildo Viana on urban violence, while exploring the critical narratives found in the music of the rap group Racionais MC's. Crime data, socioeconomic conditions, and racial dynamics are examined to highlight how these regions are shaped by necropolitical practices. This study proposes an interdisciplinary reflection on the relationship between violence, exclusion, and resistance in Brazil's urban peripheries.

Keywords: Urban violence, Necropolitics, Urban outskirts, Social exclusion, Racionais MC's.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
2.1 Necropolítica: Achille Mbembe e Michel Foucault	9
2.2 Desafios metropolitanos e violência urbana	11
2.3 A cultura popular e a crítica social	12
3 METODOLOGIA	13
3.1 Revisão bibliográfica	13
3.2 Análise documental	13
3.3 Análise cultural	14
4 ANÁLISE DOS DADOS	14
4.1 Criminalidade em Ceilândia e Samambaia	14
4.2 Condições socioeconômicas e raciais	16
4.3 Economia informal e violência	17
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS	20

1. Introdução

A violência urbana é um dos principais desafios enfrentados pelas metrópoles brasileiras, especialmente em regiões periféricas como Ceilândia e Samambaia, no Distrito Federal. Essas localidades representam não apenas espaços de vulnerabilidade social e econômica, mas também cenários onde a realidade das áreas periféricas brasileiras é caracterizada por desigualdades que têm raízes históricas, manifestando-se em tipos específicos de violência e controle social. Em regiões como essas, a dificuldade de acesso a direitos fundamentais, somada à estigmatização racial e territorial, expõe a atuação de forças que definem, diariamente, quem é digno de proteção e quem é considerado descartável. Achille Mbembe explica essa lógica por meio do conceito de necropolítica, que evidencia como o Estado ou sua ausência, estrutura as dinâmicas de vida e morte em áreas marginalizadas.

Este artigo visa examinar como a necropolítica se expressa nas interações da violência urbana, especialmente nas correlações entre vulnerabilidade social, a criminalização da pobreza e desigualdade racial nas periferias do DF. Também se investiga de que maneira a cultura popular, em particular as músicas do grupo Racionais MC's, atua como uma forma de denúncia e resistência frente a essas formas de opressão.

Este estudo busca examinar e denunciar as dinâmicas de exclusão e violência nas periferias do DF, a partir do conceito de necropolítica. Para isso, utiliza-se uma metodologia qualitativa fundamentada na revisão de literatura e na avaliação de informações socioeconômicas e criminais obtidas de fontes oficiais, tais como o IBGE, CODEPLAN, SSP-DF e IPEDF. Além disso, utiliza-se a análise cultural de canções do grupo Racionais MC's usada como representação simbólica da experiência periférica. Estas informações foram estruturadas e interpretadas nas teorias Achille Mbembe, Michel Foucault, Marcelo Lopes de Souza e Nildo Viana, com o objetivo de destacar como o Estado e suas faltas estabelecem desigualdades sociais e raciais nos territórios examinados. Portanto, a pesquisa procura conectar elementos objetivos e subjetivos da realidade urbana periférica, esclarecendo os processos que estabelecem quais vidas são apreciadas e quais são relegadas à condição de descartáveis.

Contextualização Histórica e Urbana de Ceilândia e Samambaia

Ceilândia e Samambaia figuram entre as regiões administrativas mais populosas do Distrito Federal, ambas marcadas por processos intensos de urbanização e por desafios sociais persistentes. Essas regiões emergiram como parte de estratégias estatais adotadas nas décadas de 1970 e 1980, cujo objetivo era controlar a expansão desordenada de Brasília e realocar populações de baixa renda para áreas periféricas (CODEPLAN, 2020).

Ceilândia foi oficialmente criada em 1971, inicialmente concebida como uma solução de "remoção" para assentamentos informais que se multiplicavam no entorno de Brasília (ROLNIK, 1997). A cidade tornou-se destino de milhares de migrantes, especialmente oriundos do Nordeste, que vinham em busca de oportunidades no setor da construção civil, atraídos pela promessa de trabalho e melhoria de vida. No entanto, o crescimento da região se deu de forma rápida e muitas vezes sem planejamento adequado, resultando em uma ocupação urbana marcada por carências estruturais e acentuada desigualdade (IBGE, 2023).

Samambaia, por sua vez, surgiu na década de 1980 como um desdobramento das políticas habitacionais do governo do Distrito Federal (CODEPLAN, 2020). A proposta era oferecer habitação popular a famílias de baixa renda que viviam em áreas irregulares, promovendo assim uma alternativa "ordenada" de moradia. Ainda que tenha nascido sob a lógica do planejamento urbano, Samambaia também sofre com a precariedade de infraestrutura básica, deficiências no acesso a serviços públicos e altos níveis de desemprego, elementos que contribuem para a permanência de situações de vulnerabilidade e insegurança cotidiana (IPEA, 2021).

Ambas as regiões compartilham traços típicos do processo de periferização: são espaços socialmente marcados por décadas de negligência estatal e ausência de políticas públicas estruturantes (MARICATO, 2011). Essa ausência sistemática de investimento em educação, saúde, transporte, segurança e geração de renda não é fruto do acaso, mas resultado de escolhas políticas que reproduzem desigualdades históricas e que podem ser compreendidas à luz da necropolítica, conceito formulado por Achille Mbembe (MBEMBE, 2018).

2. Fundamentação Teórica

2.1. Necropolítica: Achille Mbembe e Michel Foucault

Entender a violência urbana nas áreas periféricas do Distrito Federal requer uma avaliação que supere as perspectivas convencionais da criminalidade, focando nos mecanismos de poder que estabelecem e mantêm a desigualdade e a degradação da vida nessas áreas. Nesse sentido, os aportes teóricos de Michel Foucault e Achille Mbembe oferecem instrumentos fundamentais para a leitura crítica da lógica que opera sobre os corpos periféricos.

Michel Foucault (1979), ao formular a ideia de biopoder, muda o foco da análise do poder soberano tradicional, focado no direito de "fazer morrer ou deixar viver", para um poder que atua na vida coletiva, organizando, regulando e otimizando-a. O biopoder, assim, se define como um conjunto de táticas direcionadas à gestão da vida das comunidades, gerando subjetividades e hierarquias através de mecanismos disciplinares e regulamentares.

Ao dialogar criticamente com Foucault, Achille Mbembe (2018) sugere uma radicalização desse conceito ao criar o conceito de necropolítica. Segundo Mbembe (2018), nas regiões à margem do mundo globalizado, onde a violência estrutural se une ao racismo institucional e à marginalização econômica, o biopoder se transforma em necropoder. Isso significa que o biopoder se manifesta principalmente pela habilidade de determinar quem deve viver e quem deve ser deixado à morte, seja ela física, simbólica ou social.

Nas periferias do Distrito Federal, esse regime necropolítico se manifesta no dia a dia com a precarização de direitos, a presença seletiva e militarizada do Estado e a exposição constante a violência armada, tanto por parte de organizações governamentais, quanto de organizações paraestatais. Dessa forma, o espaço periférico se estabelece como uma zona de exceção contínua, onde vidas específicas, especialmente de jovens negros, pobres e residentes de favelas, são produzidas como descartáveis e sua morte, banalizada. Conforme ressaltado por Mbembe (2018, p. 21), "o poder de matar, deixar viver ou expor à morte se manifesta na formação de mundos de morte, novas formas de vida onde uma grande população é submetida a condições de vida que os reduzem à condição de supérfluos".

Combinando as ideias de Foucault e Mbembe, podemos entender que a violência nas periferias não é um evento acidental, mas um componente de uma lógica governamental que utiliza a morte como meio de controle social. Por isso, a necropolítica se torna um elemento interpretativo crucial para a avaliação da seletividade da violência e da distribuição desigual do sofrimento em contextos periféricos.

2.2. Desafios Metropolitanos e Violência Urbana

No livro "O Desafio Metropolitano", Marcelo Lopes de Souza (2000) ressalta como os processos de urbanização nas grandes metrópoles do Brasil acontecem de forma extremamente desequilibrada, gerando territórios caracterizados pela degradação das condições de vida, marginalização socioespacial e falta constante de intervenção estatal. No Distrito Federal, áreas como Ceilândia, Sol Nascente e Samambaia evidenciam claramente esse fenômeno, devido à concentração de altos níveis de vulnerabilidade social, falhas na infraestrutura urbana e ocorrência frequente de violência armada. De acordo com Souza, a lógica da segregação urbana não é meramente um efeito colateral do crescimento descontrolado, mas uma tática eficaz para o modelo neoliberal de cidade, que marginaliza certos grupos sociais ao relegando-os a locais social e politicamente desprezíveis.

Nildo Viana (2013) complementa essa avaliação ao interpretar a violência urbana como uma manifestação concreta das contradições estruturais do capitalismo. Na sua visão, o surgimento da violência está diretamente ligado à dinâmica da acumulação, que, ao privar grandes segmentos da população de condições de vida dignas, cria cenários de conflito contínuo.

Nas áreas periféricas do Distrito Federal, essa lógica se expressa no dia a dia ao lidar com o desemprego, o subemprego, a militarização dos territórios e a seletividade penal, componentes que, em conjunto, formam um panorama de necropolítica urbana. De acordo com Viana (2004), a violência não é um defeito do sistema, mas um componente essencial do modo capitalista de estruturar o espaço e as relações sociais.

Portanto, ao unir as teorias de Marcelo Lopes de Souza e Nildo Viana à realidade das periferias do Distrito Federal, fica claro que a violência urbana não pode ser vista apenas como um desafio de segurança pública. Em primeiro lugar, trata-se de um fenômeno ligado à atual estrutura socioeconômica que, simultaneamente segregando e excluindo, estabelece mecanismos de controle e disciplina das comunidades periféricas através da constante ameaça de violência ou até mesmo de morte. Assim, a ideia de necropolítica oferece o alicerce analítico para entender como o espaço urbano é administrado através da criação de áreas de sacrifício social, onde certas vidas são vistas como dispensáveis.

2.3. A Cultura Popular e a Crítica Social

Principalmente através do rap nacional, a cultura popular tem exercido um papel crucial na denúncia das estruturas de exclusão e violência que atuam nas áreas periféricas urbanas do Brasil. Dentro deste cenário, os Racionais MC's sobressaem como uma das vozes mais expressivas na conexão entre arte, política e crítica social. As suas canções não só retratam com exatidão e realismo o dia a dia periférico, mas também denunciam as práticas necropolíticas que impactam a vida de jovens negros e desfavorecidos, cujas vidas são frequentemente ameaçadas pela ação (ou inação) do Estado.

Na canção "Diário de um detento", os Racionais MC's retratam a dura realidade da violência policial e da morte presente na vida nas periferias. Em particular, no verso "Você não sabe como é caminhar com a cabeça na mira de uma HK", o narrador destaca o risco constante de vida ao qual está exposto. Esta circunstância exemplifica a noção de necropolítica, de Achille Mbembe, que evidencia a capacidade do Estado de determinar quem vive e quem morre, particularmente em relação a corpos marginalizados, como os jovens negros das comunidades carentes. O excerto evidencia como a violência institucionalizada converte essas vidas em corpos descartáveis, sujeitos a uma política de extermínio e controle, expondo a lógica de extermínio que permeia as áreas periféricas do Brasil.

A letra de "Capítulo 4, Versículo 3" articula experiências individuais e coletivas da juventude negra e periférica, denunciando a violência estrutural e os efeitos do racismo. No trecho "O demônio fode tudo ao seu redor / Pelo rádio, jornal, revista e outdoor", os Racionais criticam a influência destrutiva da mídia e do sistema capitalista na formação dos jovens, associando essa dominação à perda de identidade e à autodestruição. Ao usar ironia no refrão "Aleluia, aleluia / Racionais no ar, filhas da puta, pá, pá, pá", a música contrapõe fé e brutalidade, revelando o cotidiano atravessado por violência e resistência. A frase "Vinte e sete anos contrariando a estatística" transforma a sobrevivência em um ato político, evidenciando como a necropolítica, conforme Mbembe (2018), opera ao escolher quais vidas são descartáveis. A existência do artista, nesse contexto, torna-se prova de enfrentamento e ruptura com a lógica de extermínio.

Portanto, as canções dos Racionais MC's não só retratam a realidade da violência nas cidades, mas também atuam como mecanismos de resistência simbólica, reinterpretando a narrativa

sobre a periferia e dando voz àqueles que são constantemente silenciados. Nesse contexto, o rap desempenha um papel de denúncia e afirmação política: ao converter a dor em discurso e a marginalização em arte, estabelece um espaço para reivindicar justiça, dignidade e memória.

Ao transformar essas vivências e experiências compartilhadas em música, o coletivo auxilia na construção de uma consciência crítica compartilhada. Em um contexto em que a necropolítica se manifesta através da ação seletiva das forças de segurança, da insuficiência dos serviços públicos e da falta de políticas sociais eficazes, a arte se transforma em um ato de oposição. Assim, o rap dos Racionais MC's vai além de ser apenas música: é luta, denúncia e também a esperança de mudança.

3. Metodologia

3.1 Revisão bibliográfica

Uma análise crítica foi conduzida com base na obra de autores que abordam os conceitos centrais relacionados ao tema em questão, tais como necropolítica, biopoder, segregação urbana e violência estrutural. Entre os principais referenciais teóricos utilizados destacam-se Achille Mbembe, Michel Foucault, Marcelo Lopes de Souza e Nildo Viana. As contribuições desses autores foram fundamentais para a construção do arcabouço teórico que sustenta a reflexão sobre as formas de atuação do Estado, seja de maneira direta ou indireta, nas dinâmicas que marcam as periferias urbanas.

3.2 Análise documental

Também foram utilizados dados estatísticos e socioeconômicos para contextualizar a realidade das regiões estudadas. As informações foram retiradas de fontes oficiais, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN), o Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal (IPEDF) e a Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP-DF). Foram analisados indicadores como taxa de homicídios, feminicídios, desemprego, renda média, informalidade e perfil racial da população. Esses dados desempenharam um papel crucial ao evidenciar, de maneira fundamentada, as desigualdades que afetam as localidades de Ceilândia e Samambaia.

3.3 Análise cultural

Além da fundamentação teórica e dos dados estatísticos, foram incluídas na análise duas músicas do grupo Racionais MC's: "Diário de um Detento" e "Capítulo 4, Versículo 3". Essas músicas foram escolhidas por representarem, de forma intensa e realista, as vivências das periferias, além de servirem como ferramentas de denúncia social. As letras foram examinadas com base no conceito de necropolítica, buscando compreender de que maneira a arte se posiciona frente à violência, ao racismo e à exclusão social.

A integração das três abordagens: teórica, estatística e cultural, proporcionou uma compreensão mais completa das dinâmicas presentes nas periferias do Distrito Federal. O estudo busca considerar tanto os dados objetivos quanto as vivências subjetivas, os sentimentos e as lutas que marcam o cotidiano dessas comunidades.

4. Análise dos Dados

4.1. Criminalidade em Ceilândia e Samambaia

Em 2024, o Distrito Federal (DF) registrou a menor taxa de homicídios dos últimos 48 anos, com 6,8 homicídios por 100 mil habitantes, refletindo uma redução significativa em relação aos 14 homicídios por 100 mil habitantes registrados em 1977. Essa diminuição é atribuída ao programa "Segurança Integral", implementado pela Secretaria de Segurança Pública do DF (SSP-DF) em 2023, que promoveu a integração das forças de segurança pública (CNN BRASIL, 2024). No entanto, essa redução não foi uniforme entre as regiões administrativas. Ceilândia e Samambaia, regiões com altos índices de violência, continuam a apresentar números preocupantes. Em 2023, Ceilândia registrou 61 tentativas de homicídio até setembro, superando os 58 casos do mesmo período de 2022 (CORREIO BRAZILIENSE, 2023). Além disso, Ceilândia lidera os casos de feminicídio no DF, com 23 ocorrências entre 2015 e 7 de agosto de 2023 (CORREIO BRAZILIENSE, 2023).

Esses dados evidenciam disparidades regionais persistentes, refletindo desigualdades socioeconômicas e estruturais que impactam diretamente a segurança e a qualidade de vida da

população periférica. A concentração de violência em regiões como Ceilândia e Samambaia está relacionada a fatores como aumento da população em situação de rua, dependência química e circulação de armas de fogo, que contribuem para a escalada da violência.

Essas disparidades reforçam a análise de Achille Mbembe sobre a necropolítica, segundo a qual o Estado decide quem vive e quem morre, muitas vezes negligenciando as condições de vida das populações periféricas. A persistência da violência nessas regiões é um reflexo da implementação de políticas públicas ineficazes no combate às causas estruturais da violência, reforçando a marginalização e a exclusão social.

Portanto, embora os dados gerais mostram avanços na redução da violência no DF, é fundamental que políticas públicas sejam direcionadas e eficazes para enfrentar as desigualdades regionais e sociais, garantindo segurança e dignidade para todos os cidadãos, especialmente os mais vulneráveis.

O gráfico a seguir apresenta as tentativas de homicídio registradas em Ceilândia nos anos de 2022 e 2023. Em relação à região administrativa de Samambaia, os dados não foram disponibilizados nos relatórios públicos da Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal. Tal ausência evidencia limitações na transparência institucional e compromete a elaboração de políticas públicas eficazes voltadas à redução da violência nas periferias do DF.

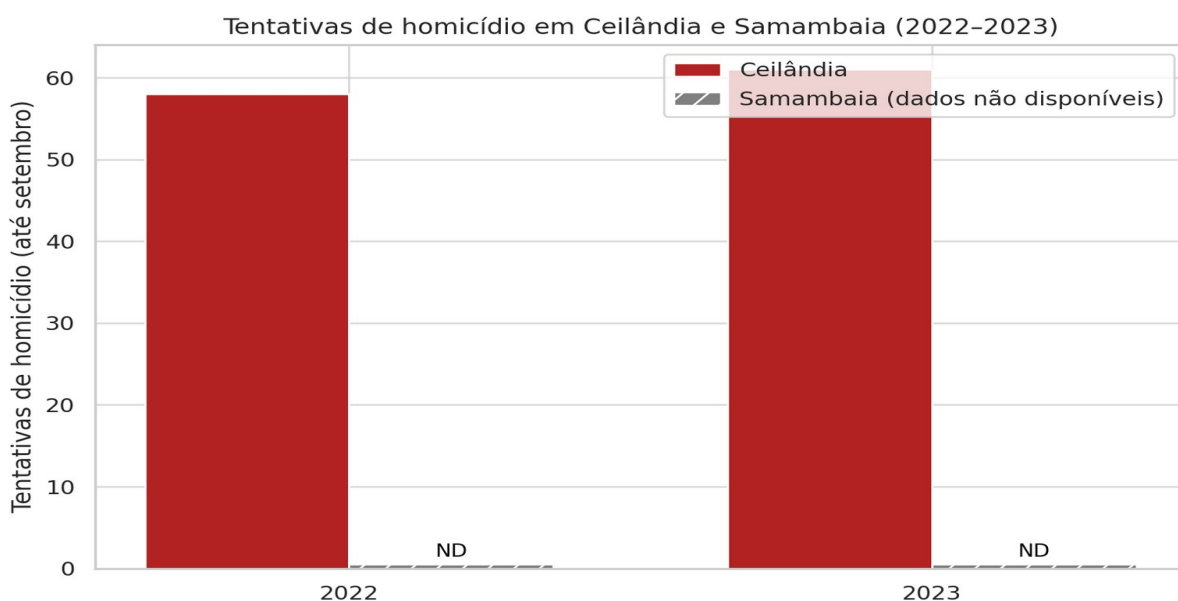


Gráfico 1 – Tentativas de homicídio em Ceilândia (2022–2023). Fonte: SSP-DF / Correio Braziliense. Os dados de Samambaia não estão disponíveis (ND).

4.2. Condições Socioeconômicas e Raciais

A análise dos indicadores socioeconômicos atuais evidencia as desigualdades que ainda caracterizam Ceilândia e Samambaia, duas das regiões periféricas mais populosas do Distrito Federal. Em 2024, Ceilândia apresenta uma taxa de desemprego de 15,4%, valor que, apesar de ter diminuído em relação ao ano anterior, permanece elevado e indica uma vulnerabilidade econômica significativa para a população local. Já Samambaia, embora não possua dados específicos recentes disponíveis, mantém um perfil socioeconômico semelhante, marcado por dificuldades estruturais.

A renda per capita dessas regiões confirma essa realidade: em Ceilândia, a média é de aproximadamente R\$1.116,10, enquanto em Samambaia é ainda menor, girando em torno de R\$992,30, ambas significativamente inferiores à média do Distrito Federal. Essa situação agrava a precariedade econômica dos moradores e limita o acesso a oportunidades essenciais para a melhoria da qualidade de vida.

Apesar de avanços nos índices educacionais do Distrito Federal, Ceilândia e Samambaia ainda apresentam desafios significativos relacionados ao acesso e à permanência na escola. Segundo dados do Censo 2022 do IBGE, as taxas de analfabetismo nessas regiões giram em torno de **2,5% a 3,5%**, mas a **baixa escolaridade e os altos índices de evasão escolar** permanecem como obstáculos estruturais à inclusão social. Grande parte da população adulta não completou o ensino médio, o que limita o acesso a empregos formais e contribui para o ciclo de vulnerabilidade social.

Outro aspecto que merece destaque é o perfil racial predominante nessas regiões. A população de Ceilândia é composta majoritariamente por pessoas negras, representando cerca de 65% dos moradores, enquanto em Samambaia esse percentual é de aproximadamente 60%. Essa predominância reforça a relação entre raça, pobreza e violência urbana, evidenciando a segregação socioespacial e a negligência estatal que agravam a marginalização dessas comunidades.

Esses dados corroboram a reflexão de Achille Mbembe (2018) sobre a necropolítica, que aponta como o Estado, ao negligenciar as condições de vida das populações periféricas, acaba determinando quem vive e quem morre. As desigualdades socioeconômicas e raciais

observadas em Ceilândia e Samambaia mostram que a violência urbana nessas regiões não é fruto do acaso, mas sim um sintoma das contradições estruturais e da exclusão social enraizada.

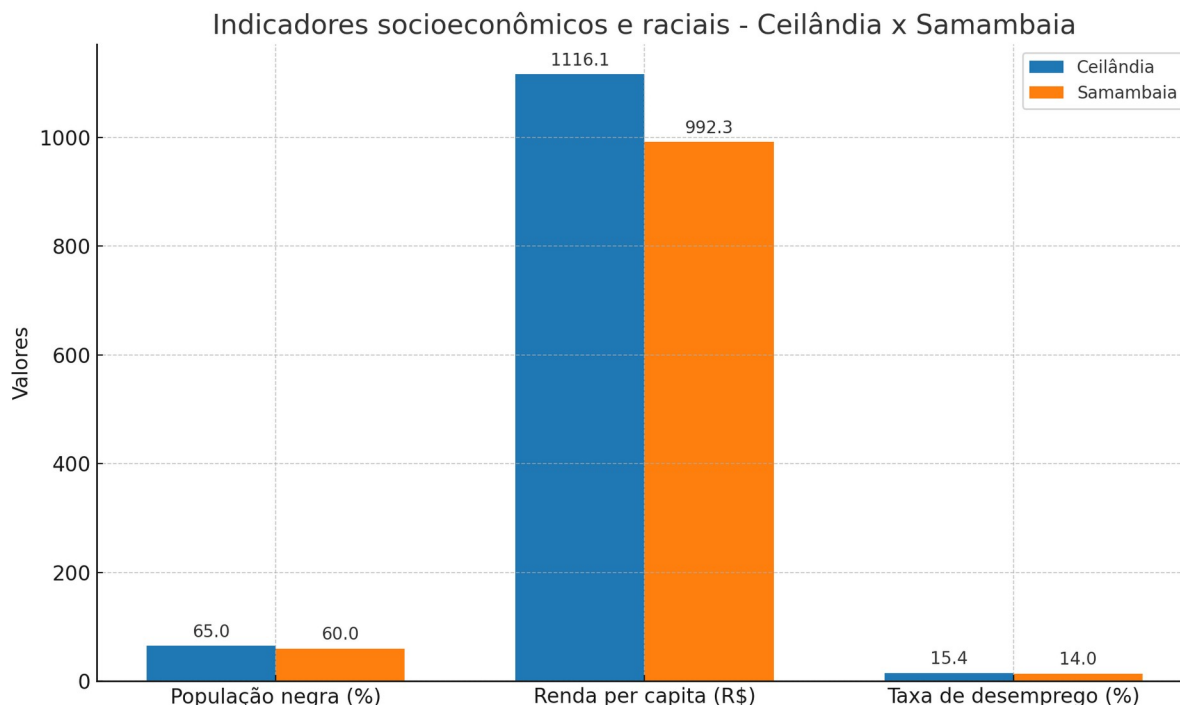


Gráfico 2 – Indicadores socioeconômicos e raciais (2024): Desigualdades entre Ceilândia, Samambaia e o Distrito Federal.

4.3 Economia Informal e Violência

Atividades econômicas e informalidade em Ceilândia e Samambaia: entre a sobrevivência e a criminalização

Ceilândia e Samambaia, duas das regiões administrativas mais populosas do Distrito Federal, apresentam um cenário marcado pela predominância da informalidade e pela escassez de empregos formais. De acordo com a Nota Técnica “Trabalho Informal no Distrito Federal” (dezembro de 2022), realizada pela Companhia de Planejamento do DF (IPEDF/Codeplan), a informalidade atinge aproximadamente 22,58% da população ocupada no Distrito Federal. Apesar de os dados por Região Administrativa não serem expostos, é razoável supor que

regiões como Ceilândia e Samambaia, associadas a menores níveis de renda e escolaridade, apresentem percentual de informalidade acima da média distrital.

No setor formal, a absorção da mão de obra é restrita a áreas como comércio varejista, serviços gerais, pequenos empreendimentos e empregos públicos de baixa remuneração. A escassez de vagas, aliada ao nível educacional desigual, empurra grande parte da juventude para ocupações precárias ou para o desemprego. Ceilândia e Samambaia apresentam, juntas, algumas das maiores taxas de desocupação do DF (IPEDF, 2023).

Nesse contexto, o trabalho informal não é apenas uma escolha, mas uma estratégia de sobrevivência. Vender balas nos semáforos, realizar pequenos reparos ou atuar como entregador de aplicativo são atividades que garantem a subsistência de milhares de famílias. No entanto, essa informalidade é frequentemente criminalizada. Camelôs e trabalhadores autônomos são alvos constantes de fiscalização e ações repressivas. O Estado que nega direitos também reprime os modos alternativos de subsistência.

A consequência direta dessa estrutura desigual é a reprodução do ciclo da violência. O desemprego e a ausência de políticas públicas efetivas contribuem para a inserção de jovens no tráfico de drogas e outras redes ilícitas, que se apresentam como única via de renda. Como aponta Achille Mbembe (2018), na necropolítica, o Estado define quem pode viver e quem pode ser descartado, e nas periferias, essa decisão se materializa em operações policiais letais, na militarização cotidiana e na naturalização da morte de jovens negros e pobres.

Não se trata apenas de uma questão de segurança, mas de um modelo de gestão da vida e da morte. Enquanto o centro político e econômico do DF concentra estabilidade, concurso público e salários altos, a periferia vive entre o imprevisto e o risco. A falta de políticas de capacitação profissional, acesso a microcrédito e apoio a empreendedores informais amplia o abismo entre o “Plano” e a “quebrada”.

A resposta estatal, muitas vezes centrada no aumento do policiamento, não resolve as causas estruturais da violência. Ao contrário, reforça o estigma de que o jovem periférico é uma ameaça, quando na verdade ele é potência.

5. Conclusão

A análise da violência urbana em Ceilândia e Samambaia revela uma realidade marcada por profundas desigualdades sociais e raciais, que afetam diretamente a vida de milhares de pessoas. Mais do que números e estatísticas, as vítimas desses contextos carregam histórias de sonhos interrompidos, famílias desestruturadas e uma luta diária por sobrevivência em territórios onde a presença do Estado muitas vezes se manifesta apenas na forma repressiva, perpetuando um ciclo de marginalização e exclusão.

O conceito de necropolítica, discutido por Achille Mbembe, ajuda a compreender como determinados corpos, majoritariamente negros e pobres, são colocados em uma posição de vulnerabilidade extrema, onde a violência se torna um elemento cotidiano, quase banalizado. Em Ceilândia e Samambaia, essa realidade se traduz nos altos índices de homicídios, na precariedade das condições de vida e na falta de oportunidades para a juventude, que encontra no tráfico de drogas e em outras atividades ilícitas um caminho forçado pela ausência de alternativas viáveis.

Entretanto, por trás desses dados, há uma resistência silenciosa e persistente. Nas ruas, nas escolas, nas igrejas e nos lares, moradores dessas regiões seguem enfrentando os desafios impostos pelo abandono e pela violência estrutural. A cultura popular, representada nas músicas do grupo Racionais MC's, surge como uma voz potente de denúncia e de fortalecimento da identidade periférica, traduzindo em versos as dores e as esperanças de uma população que luta por reconhecimento e justiça social. As letras das músicas não apenas ecoam a realidade, mas também servem como um chamado para a reflexão crítica sobre a responsabilidade do Estado e da sociedade em relação a esses territórios.

A perpetuação da violência não é uma fatalidade inescapável, mas sim o resultado de decisões políticas e econômicas que negligenciam as necessidades das periferias urbanas. O enfrentamento desse problema exige uma abordagem que vá além da repressão policial, promovendo políticas públicas inclusivas que garantam acesso à educação de qualidade, oportunidades de emprego e infraestrutura adequada. Somente por meio de um olhar sensível e comprometido com a justiça social será possível reverter esse cenário e oferecer aos moradores dessas regiões a dignidade que lhes é constantemente negada.

Portanto, este estudo reforça a necessidade de pensar a cidade de forma mais justa e equitativa, reconhecendo que cada vida importa e que a segurança pública deve ser pautada pelo respeito aos direitos humanos e pelo combate às desigualdades estruturais. Mais do que números em relatórios institucionais, é preciso enxergar as pessoas por trás das estatísticas e

entender que, em cada vítima da violência urbana, há um mundo de possibilidades interrompido.

A esperança, no entanto, resiste. A força da periferia está em sua capacidade de se reinventar e resistir, mesmo diante das adversidades. A luta pela vida digna segue como um ato de resistência e um grito de esperança por dias melhores.

Referências

COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL (CODEPLAN). *Indicadores sociais e econômicos do DF*. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.codeplan.df.gov.br>. Acesso em: 20 maio 2025.

CORREIO BRAZILIENSE. *Ceilândia lidera tentativas de homicídio e feminicídios no DF*. 2023. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br>. Acesso em: 10 dez. 2024.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico 2020: educação e desigualdades sociais*. Brasília: IBGE, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 25 jan. 2025.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTATÍSTICA DO DISTRITO FEDERAL (IPEDF). *Perfil da população economicamente ativa por região administrativa*. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.ipedf.df.gov.br>. Acesso em: 20 maio 2025.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTATÍSTICA DO DISTRITO FEDERAL (IPEDF). *Perfil do residente no DF – 2023*. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.ipe.df.gov.br>. Acesso em: jul. 2025.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTATÍSTICA DO DISTRITO FEDERAL (IPEDF). *Nota técnica: trabalho informal no Distrito Federal*. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.ipe.df.gov.br/documents/9915964/10208171/NT-Trabalho-Informal-no-Distrito-Federal.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2025.

MARICATO, Ermínia. *O impasse da política urbana no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2011.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. 1. ed. São Paulo: n-1 Edições, 2014.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Tradução de Daniel Garcia. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

RACIONAIS MC's. *Capítulo 4, Versículo 3*. In: *Nada como um dia após o outro dia* [CD]. São Paulo: Cosa Nostra, 2002.

RACIONAIS MC's. *Diário de um detento*. In: *Sobrevivendo no inferno* [CD]. São Paulo: Cosa Nostra, 1997.

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DO DISTRITO FEDERAL (SSP-DF). *Dados estatísticos de violência urbana*. Brasília, 2025. Disponível em: <https://www.ssp.df.gov.br>. Acesso em: 16 maio 2025.

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DO DISTRITO FEDERAL (SSP-DF). *Relatório de ocorrências criminais de Ceilândia e Samambaia*. Brasília, 2024. Disponível em: <http://www.ssp.df.gov.br>. Acesso em: 25 jan. 2025.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *O desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática socioespacial nas grandes cidades brasileiras*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

VIANA, Nildo. *Violência e cultura política: a criminalidade na periferia*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

VIANA, Nildo. *Violência urbana e a luta pelo espaço*. São Paulo: Cortez, 2004.